

## **TENREIRO, Francisco José. *Ilha de nome santo*. Lisboa: A Bela e o Monstro Edições Ltda, 2014. 56 p.**

Luiz Henrique Raelle Braga<sup>1</sup>

Francisco José Tenreiro, nascido no ano de 1921 em São Tomé, Capital de São Tomé e Príncipe, foi poeta e geógrafo, tendo ido muito novo morar em Lisboa, onde foi professor no Instituto de Ciências Sociais e Política Ultramarina, vindo a falecer em 1963.

Muitos críticos, segundo Maria Nazareth Soares Fonseca e Terezinha Moreira<sup>2</sup>, o consideram o pai da negritude na literatura africana de expressão portuguesa, tendo sido também um marco na poesia são tomense.

*Ilha de nome santo*, obra originariamente impressa na tipografia da Atlântida de Coimbra em 1942 como parte da série *Novo Cancioneiro*, é sua primeira obra poética a ser publicada, seguida dos volumes *Poesia Negra de Expressão Portuguesa* (1953) e *Coração em África* (1962). Nela encontramos poemas cujos matizes variam desde a herança colonial, passando pelo embate entre o colonizador e o colonizado até referências culturais de seu povo, numa temática insular; aliás, tais referências podem até extravasar geograficamente as ilhas de São Tomé e Príncipe, como é o caso do poema “Negro de todo o mundo”.

Os dezessete poemas do volume estão divididos em quatro seções – “romanceiro”, “ciclo do álcool”, “3 poemas soltos” e “cancioneiro” -, sendo que esta última contém o maior número deles. O primeiro poema, não pertencente a nenhuma das seções e que seria portanto uma espécie de prólogo, dá o tom da coletânea: “Nasci naquela terra distante/ num dia de batuque/ Daí esta pressa de viver!”.

Contudo, a divisão da obra em seções pertence à categoria dos mistérios, pois todas são igualmente perpassadas pelo tema da colonização, com seu vocabulário típico: “contratados”, “comércio di homem”, “comércio di terra”, “porão do navio”, “império” etc; nenhum termo, no entanto, se iguala em peso aos que se referem à cor da pele, pois o que se vê na poesia de Tenreiro é um constante contraste entre o branco e o negro, mediante referências diretas e muitas vezes despossuídas de quaisquer metáforas.

Na primeira seção (“romanceiro”) desponta seu poema mais famoso, “Canção do Mestiço”, onde aqueles elementos branco e negro se hibridizam para formar um terceiro, que era como o autor se via. A canção se inicia com o vocativo “Mestiço!”, o qual interrompe o poema por mais duas vezes, como que significando uma voz direcionada ao próprio poeta, culpando-o por sua condição.

---

<sup>1</sup> Mestrando no programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS. E-mail: luiz.raele@gmail.com.

<sup>2</sup> FONSECA, Maria Nazareth Soares e MOREIRA, Terezinha Taborda. Panorama das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. *Cadernos Cespuc de Pesquisa*, Belo Horizonte, n. 16, p. 13-69, set. 2007. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/14767>. Acesso em: 18 nov. 2018.

Sua primeira estrofe anuncia a visão pessimista do autor: “Nasci do negro e do branco/ e quem olhar para mim/ é como que se olhasse/ para um tabuleiro de xadrez:/ a vista passando depressa/ fica baralhando côr/ no ôlho alumbrado de quem me vê”. Já a condição de “terceiro” e, portanto, não pertencente a nenhum dos dois mundos pode ser confirmada pelos versos seguintes: “E tenho no peito uma alma grande/ uma alma feita de adição/ como 1 e 1 são 2./Foi por isso que um dia/ o branco cheio de raiva/ contou os dedos das mãos/ fez uma tabuada e falou grosso:/ - mestiço!/ a tua conta está errada./ Teu lugar é ao pé do negro”.

Por fim, os últimos versos – “Quando amo a branca/ sou branco.../ Quando amo a negra/ sou negro./ Pois é...” - ecoam a questão analisada por Simone Pereira Schmidt<sup>3</sup> em seu trabalho “Onde está o sujeito pós-colonial?”, ao tratar do conto “Entre judeus” do escritor angolano Pepetela: trata-se de uma ferida (a mestiçagem) importante que surtirá efeitos inclusive na situação pós-colonial, qual seja, a do sujeito “quase branco” “em busca de um lugar no conjunto das novas relações que se estabelecem no país liberto do jugo colonial”<sup>4</sup>.

A segunda seção, intitulada “ciclo do álcool”, constitui-se de três breves poemas que lançam um olhar sobre três personagens e sua relação com o álcool. Enquanto os dois primeiros aparentemente retratam comportamentos de colonizadores – “Quando seu Silva Costa/ chegou na ilha/ trouxe uma garrafa de aguardente/ para o primeiro comércio” e “No canto da rua/ os brancos estão fazendo negócio/ a golpes de champagne!”, o terceiro sugere o sofrimento de uma mãe que “perde” seu filho para a bebida, enquanto consulta uma vidente (Mãe-Negra): “eu disse:/ filhinho/ beba isso coisa não.../ (...) Oh!/ filhinho/ entrou no vinhateiro/ vinhateiro entrou nêle...”.

Na seção seguinte, “3 poemas soltos”, destacam-se “epopeia” e “negro de todo o mundo”. O primeiro poema evoca uma África livre em contraste com o posterior jugo colonialista, donde um tom saudosista mescla-se em constante tensão com a triste realidade: “Não mais a África/ da vida livre/ e dos gritos agudos de azagaia!/ Não mais a África/ de rios tumultuosos/ - veias entumescidas dum corpo em sangue!/ Os brancos abriram clareiras/ a tiro de carabina./ Nas clareiras fogos/ arroxendo a noite tropical.”.

O segundo, por sua vez, à primeira vista nos faz lembrar do Walt Whitman de “Saúdo ao Mundo”, em que o poeta norte-americano canta os povos e as nações; no poema de Tenreiro, no entanto, a saudação é logo direcionada aos negros de Nova York e outras metrópoles e aos escravos nas plantações americanas, como que num panorama mundial da exploração e da desigualdade social (e principalmente racial): “Harlem! Harlem!/ América!/ Nas ruas de Harlem/ os negros trocam a vida por navalhas!/ América!/ Nas ruas de Harlem/ o sangue de negros e de brancos/ está formando xadrez/ (...) Nos terrenos do fumo/ os negros estão cantando./ Nos arranha-céus de New York/ os brancos macaqueando!/ Nos terrenos da Virgínia/ os negros estão dançando./ No show-boat do Mississipi/ os brancos macaqueando!/ Ah!/ Nos estados do sul/ os negros estão cantando!”.

Por fim, o seguimento “cancioneiro” mescla a tristeza da condição colonial com um sopro de condescendência. Em “canto do óbó”, tem-se o trabalho forçado como tema:

<sup>3</sup> SCHMIDT, Simone Pereira. Onde está o sujeito pós-colonial? Disponível em <http://www.revistaabril.uff.br/index.php/revistaabril/article/view/268>. Acesso em: 21 nov. 2018.

<sup>4</sup> Idem.

“O sol golpeia as costas do negro/ e rios de suor ficam correndo./ Ardor!/ O machim golpeia o pau/ e rios de seiva escorrendo./ Ardor!/ Os olhos do branco/ como chicotes/ ferem o mato que está gritando...”.

Já em “ilha de nome santo” – poema que empresta o nome à coletânea e que a encerra - o poeta canta sua terra, São Tomé e Príncipe, exaltando-a apesar das duras denúncias feitas ao longo da obra. Versos como “Onde apesar da pólvora que o branco trouxe num navio escuro/ (...) dizerem poder dizerem força dizerem império de branco/ é terra de homens cantando vida que os brancos jamais souberam” denotam um orgulho e uma resiliência de seu povo, enquanto que momentos de puro lirismo invadem os seguintes versos, como uma mensagem de esperança: “Terra!/ das plantações de cacau de copra de café de côco a perderem-se de vista/ que vão morrer numa quebra ritmada/ num mar azul como o céu mais gostoso de todo o mundo!/ Onde o sol bem amarelo bem redondo incendeia as costas/ dos homens das mulheres agitando-lhes os nervos/ num cadenciar mágico mas humano: capinar sonhar plantar!”.

Pois bem, a análise da obra *ilha de nome santo* sob uma ótica histórica agrega conhecimentos na área de estudos sobre o colonialismo na África, pois ela compõe-se de poemas-denúncia acerca do referido sistema, desnudando-o através de um caleidoscópio de referências que vão da mais simples saudade da terra até questões mais marcadas na alma, como a desagregação, a diáspora, a cor da pele e a consequente não identidade em relação ao “outro”.

Outrossim, num viés eminentemente poético, o leitor poderá lembrar do estilo direto do escritor mineiro Ricardo Aleixo<sup>5</sup>, cuja produção amalgama questões de raça/cor (“Sou o que quer que você pense que um negro é./ Você quase nunca pensa a respeito dos negros./ Serei para sempre o que você quiser que um negro seja./ Sou o seu negro”) com elementos artísticos e cosmopolitas (como em “Estação Primeira de Manhattan”: “Curto-circuito agonia/ ganindo na boca do dia/ Jimi Hendrix diz/ triste: “Eu queria ser hélio/ o gás mais leve que existe”).

Por derradeiro, em *ilha de nome santo* ressaltam-se também o poder da metáfora e a potência poética de algumas passagens, principalmente quando demonstram o encantamento que a terra natal exerce sobre o escritor: “Onde nas noites estreladas/ e uma lua redonda como um fruto/ os negros as sangues os moleques os caçô/ - mesmo o branco e sua mulata -/ vêm no sòcopé de uma sinhá/ ouvir um malandro tocando no violão/ cantando ao violão!”.

---

<sup>5</sup> Do autor, vide a coletânea *Pesado demais para a ventania* (São Paulo: Todavia, 2018).